



MANUEL VAZ EUGENIO GOMES.

Manuel Vaz Eugenio Gomes, desembargador da relação patriarchal, nasceu a 2 de Fevereiro de 1788 em um pequeno lugar chamado a Dedona do concelho da villa d'Alvaizere, freguezia do Salvador d'Almoster.

Foram seus paes José Gomes e Maria Gomes, lavradores e proprietarios. Aprendeu primeiras letras no lugar em que nasceu; e como seus paes o destinassem para a vida ecclesiastica, mandaram-no estudar os principios de grammatica latina á villa d'Ancião, e depois ao seminario de Sernache do Bom Jardim, que estava então em principio, e era dirigido pelos padres da congregação da Missão.

Não acabou ali de se aperfeiçoar na lingua latina por falta de saude, e por causa da primeira invasão dos francezes em 1807; mas no fim d'esta foi para o seminario episcopal de Coimbra, onde continuou a frequentar o latim, fazendo exame no seminario e na universidade. Fechando-se, porém, o seminario e a universidade, em razão da segunda invasão franceza em 1810, voltou a casa de seus paes. Aquelles sitios foram todos occupados, e assolados pelos

francezes, e portanto teve de emigrar para Coimbra, e d'ahi para Montemor o Velho com toda a sua familia. Retirado o exercito invasor, voltaram para casa, que acharam destruida e queimada; as fazendas sem cultura; os gados perdidos; e faltando-lhe os meios.

Sobreveiu logo depois em todos aquelles povos uma terrivel epidemia, de que falleceu quasi metade dos moradores, que escaparam aos francezes. Seus paes finaram-se no espaço de oito dias, estando os filhos tão doentes, que só depois tiveram noticia da sua morte.

D'estes escaparam tres todos menores, sendo Manuel Vaz o mais velho; contando apenas vinte e dois para vinte e tres annos. Bem desejava elle continuar os seus estudos quando a universidade se abriu; mas a falta de meios e o desamparo em que ficaram seus irmãos não lh'o permitiram. Emancipou-se, e, tomando conta da casa, amparou os menores. Comtudo, sem practica do mundo, sem conhecimentos da vida do campo, e sem meios para o fabrico das terras, que poderia adiantar? Assim mesmo conservou o que havia: fez a partilha aos irmãos, e viveu

com elles até que se casaram, e tomaram posse do que lhes pertencia.

Ficando portanto desembaraçado, calculou que com o rendimento dos poucos bens que lhe pertenceram, bem administrados, poderia viver em Coimbra, e formar-se em alguma faculdade; pois não contava, nem podia contar com outra alguma protecção.

Em 1814, tendo já mais de vinte e cinco annos, foi para Coimbra, e ahi se matriculou no collegio das artes em logica que frequentou, e venceu n'aquelle anno os mais preparatorios para positivas, de sorte que em Outubro seguinte se matriculou no primeiro anno de direito canonico por se destinar á vida ecclesiastica.

Seguiu regularmente o curso, e começou a sua ordenação nos fins do segundo anno da universidade, fazendo os exames para as ordens no seminario episcopal, por ser filho d'aquella diocese. Recebeu a ordem de presbytero a 5 de Junho de 1819; e a 11 do mesmo mez e anno tomou o grau de bacharel em canones, fazendo depois formatura na mesma faculdade a 21 de Julho de 1820.

Gastando em Coimbra só o necessario, porque gastava á sua custa, e não tinha outros recursos além dos rendimentos das suas poucas fazendas; escaceando estes pela pouca fertilidade dos annos, e desarranjo dos bens, viu-se obrigado a separar parte d'elles, que reservou para lhe servirem de patrimonio, e sempre conservou, e teve de empenhar e vender outros para poder continuar a sua formatura, e ordenação.

Depois de formado, fez exame no seminario episcopal para confessar e pregar; e alcançando as competentes licenças do ex.^{mo} bispo, veio exercer o seu ministerio na sua patria, e no bispado de Leiria, obtida licença do prelado d'esta diocese.

Pouco tempo se demorou n'aquelles sitios, porque obtendo do seu bispo a competente demissoria, veio para Lisboa, onde se hospedou em casa de um seu parente, frei Thomaz Corrêa de Sá, vigario da collegiada da Conceição, que pertencia á ordem militar de Christo. No patriarchado habilitou-se com as necessarias licenças, e, para aproveitar o tempo, praticou no escriptorio do antigo e distincto advogado Silveira da Motta.

Como se achava habilitado com as licenças ecclesiasticas no patriarchado, nos fins do anno de 1821 foi servir de prior encommendado na igreja de S. João Baptista da villa d'Almeirim, no mesmo patriarchado, cujo cargo desempenhou, por algum tempo, com satisfação dos parochianos, e vizinhanças, como mostrou a estima em que sempre o tiveram, e consta de honrosos documentos.

Nos principios do anno de 1824, achando-se a concurso o priorado da igreja de Santa Maria do Castello da villa d'Alcacer do Sal, no arcebispado d'Evora, que pertencia á ordem de S. Thiago da Espada, e o juizado da mesma ordem,

na dita comarca, que era annexo á igreja, foi oppositor; sendo provido nos dois empregos por cartas regias de 23 de Abril do mesmo anno. Em virtude d'ellas tomou o habito da ordem em Palmella, e ahi professou a 20 de Maio do mesmo anno. Passou depois á cidade d'Evora onde fez novo exame synodal na relação ecclesiastica para a sua collação, e veio a Alcacer tomar posse, em Junho de 1824, d'ambos os empregos, que exerceu com igual satisfação d'aquelles povos; sendo el-rei o senhor D. João vi servido fazel-o cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, por carta regia de 8 de Julho de 1825.

N'este mesmo anno foi tambem o senhor D. João vi servido transferil-o, por outra carta regia, para o priorado da igreja de S. Julião da villa de Setubal da mesma ordem, e no patriarchado, onde novamente se collou, e tomou posse, assim como do juizado da dita ordem d'esta comarca, em virtude d'outra carta regia de 17 de Setembro do mesmo anno. N'esta villa exerceu os dois empregos — parochio e juiz da ordem — por espaço de quasi dezesete annos, com a mesma satisfação dos povos.

Não obstante as suas opiniões politicas serem moderadas e de tolerancia, não deixou de ser perseguido pelos inimigos da causa da liberdade. As suas idéas e opiniões foram sempre liberaes, mas moderadas. Tanto assim que em Janeiro de 1837, sendo parochio em Setubal, foi eleito deputado substituto ás côrtes pelo circulo de Leiria, porém só quasi no fim da sessão veio tomar assento na camara.

No pouco tempo que ahi esteve, as suas opiniões foram conformes á rectidão e justiça, e conservou sempre estas mesmas idéas.

Em Setubal, além dos empregos de parochio e juiz da ordem, foi por duas vezes provedor do hospital da misericordia, commissario da bulla da cruzada, e serviu varias vezes de curador dos orphãos, quando estes estavam entregues aos juizes de paz.

Em 1842, por carta regia de 8 de Novembro, foi transferido de Setubal para a igreja de Nossa Senhora d'Ajuda, suburbios de Lisboa, sendo collado a 19 e tomando posse a 23 do mesmo mez e anno. Aqui serviu tanto a contento dos povos e autoridades, que o em.^{mo} cardeal patriarcha D. Guilherme I o nomeou desembargador effectivo da sua relação e curia patriarchal por carta ou provisão de 12 de Dezembro de 1849, e, tomando posse a 18 do mesmo mez, entrou no exercicio de suas funcções.

Em Julho de 1851, achando-se a concurso o priorado da igreja parochial de Nossa Senhora da Conceição d'esta côrte, foi um dos oppositores. Depois de novo exame, foi provido n'ella por carta regia de 7 de Novembro, e tomou posse a 3 de Dezembro do mesmo anno. Continuou por conseguinte no exercicio de parochio e de desembargador da relação e curia patriarchal n'esta côrte, servindo tambem de supplente na

secção pontificia, por diploma do ex.^{mo} inter-nuncio de sua santidade, datado de 2 de Março de 1852.

Em 1856, por occasião da invasão da chole-
ra-morbo, adoeccendo o seu cura, ficou o refe-
rido prior só administrando os Sacramentos aos
seus parochianos enfermos, e desempenhando
todas as obrigações parochiaes, no que teve bas-
tante trabalho; mas nunca afrouxou no desem-
penho dos seus deveres.

Desde então ficou consternado, e pouco de-
pois começou a padecer de uma aneurisma do
coração.

Em Junho de 1857, sentindo-se já bastante doen-
te, muito abatido, e falto de forças, requereu a
sua em.^a o substituisse nos encargos da igreja
por um encomendado.

Tendo por conseguinte trinta e sete annos de
serviços de parochio em cinco differentes fregue-
zias, e terras, desde 1821 até Junho de 1857;
e trinta e tres de juiz desde 1824, com peque-
nas interrupções. Tinha amigos em todas as ter-
ras, onde viveu, e em todas ellas foi geral o
sentimento quando as deixou.

Era amigo sincero, bemfazejo, dotado de genio
affavel, e desconhecia o odio, mesmo com os in-
gratos.

Em Setembro do anno passado, exacerbando-
se-lhe o padecimento, foi pelo seu facultativo
assistente e outros aconselhado a tomar ares fora
de Lisboa. A 19 do dito mez saiu para a villa
de Azeitão onde esteve em casa de um verda-
deiro amigo, o revd.^a prior Valerio de San-Ray-
mundo Vidigal, que durante o seu padecimento
se desvelou em obsequial-o. Mas tendo ido já
muito doente, os padecimentos aggravaram-se,
e finalmente, sem voltar a sua casa em Lisboa,
no dia 26 de Março passado, ás tres horas e
meia da tarde, expirou, com grande sentimento
de sua familia, e das pessoas que o conheciam,
depois de penoso soffrimento, tendo recebido
todos os Sacramentos. Completara setenta annos
de idade. No dia seguinte, feito o competente
funeral na igreja da misericordia, foi sepultado
no cemiterio da referida villa.

RELAÇÃO DO ENTERRO DO SENHOR D. THEODOSIO NOSSO SENHOR.

(*Extrahido de um manuscripto do tempo.*)

Em 16 d'este mez de Maio de 1653 ás doze
horas do dia expirou o serenissimo principe D.
Theodosio nosso senhor tendo de idade dezeno-
ve annos, tres mezes, e seis dias. El-rei seu pae
(D. João IV) lhe assistiu até ao ultimo momen-
to, não bastando a constancia a encobrir o sen-
timento. D. Thomaz de Noronha seu gentil-ho-
mem que servia de semana lhe cerrou os olhos,
os mais officiaes lhe beijaram a mão, e com as
mesmas ceremonias de que usavam na vida o

serviram na morte. Depois de vestido lhe pu-
zeram o habito de S. Francisco e sobre elle o
manto de Christo com as mais insignias de ca-
valleiro. Rezaram-se algumas orações e logo se
recolheu o corpo em um caixão forrado por den-
tro com laminas de chumbo, e com aromas chei-
rosos para prevenir e remediar a corrupção. Foi
levado por seus camaristas e sumilheres a outra
casa adereçada da maneira seguinte:

Estava o chão alcatifado, as paredes armadas de
telas ricas encarnadas e brancas: no topo de baixo
de um rico docel, um altar sobre alguns degraus:
no meio se levantava um tumulo de quatro de-
graus cobertos de brocado finissimo guarnecidos
de passamanes de oiro frisados. Sobre o tumulo es-
tava um leito com sobre-ceo e balaustres. Na
cabeceira estava um Christo com seis velas, e
na casa á roda do tumulo tochas em tocheiros
de prata. O caixão e o corpo se poz no leito,
e se cobriu com um panno de brocado que che-
gava ao chão, e tinha no meio uma cruz de
chamalote de prata. Aos pés do leito estava uma
corôa, um sceptro e um bastão, como insignias
despresadas ou ociosas. Os degraus do tumulo
occupavam os leigos da capella, e a circumfe-
rencia da casa religiosos graves de varias reli-
giões sómente os que cabiam em sua ordem,
psalmeando todos em voz baixa e triste, o tem-
po que ali esteve o corpo que foi o dia em que
falleceu. No seguinte houve á tarde vespersas
solemnes na mesma casa, e no outro 17 do mez em
que se enterrou houve de manhã missa pontifical
que disse o bispo capellão-mór e o mais que falta-
va do officio. Na mesma solemnidade assistiram
além dos religiosos, os officiaes de sua alteza com
suas insignias: permittindo-se aos fidalgos en-
trar ali, lançar agua benta e fazer as ceremo-
nias costumadas: saindo logo por outra porta
para o que estavam dispostas as guardas, e o
visconde de Castello Branco era capitão d'ellas.
A porta da sala immediata áquella em que
estava o corpo de sua alteza estava tambem
adornada de velludo carmesim. Adereçou-se
além d'isso uma galeria com os mesmos velludos,
rodeando-se de altares, em que se disseram as
missas possiveis.

Chegada a hora do enterro, appareceu sua
magestade acompanhado de seus criados: pega-
ram no caixão os duques de Aveiro, e Cadaval,
o marquez de Niza, os condes de Vimioso e Vil-
lar-Maior, de Miranda, D. Thomaz de Noronha,
e D. João Lobo, os cinco gentis-homens da ca-
mara de sua alteza. Iam diante os officiaes da
casa de sua magestade, e ultimamente a sua real
pessoa detraz de toda a guarda, com o seu ca-
pitão, assistindo toda a nobreza com os seus ca-
puzes. O corpo se recolheu em sua littera for-
rada para isso de finissimo brocado, e com pa-
ramentos eguaes para os machos. Cobriu-se com
o mesmo panno que tinha no tumulo, o qual
lançou João Nunes da Cunha como veador. Ro-
dearam-no quarenta moços da camara com to-
chas, indo a pé: e os clerigos tambem de tochas

iam a cavallo, e eram trinta. Saiu tambem a cavallo toda a nobreza, levando os cavallos cobertos de baeta.

N'esta forma foi o corpo até perto de Belém aonde o esperavam todos os religiosos, clero, irmandade dos terceiros, e outras confrarias, com suas cruces, que fizeram uma ala todos com velas, pelo meio da qual foi passando o corpo até que chegou á irmandade da misericordia que o recebeu em um andor do mesmo brocado, feito para esse fim.

Poz-se n'elle o caixão tirando-o os mesmos irmãos da misericordia, tendo entretanto mão na liteira, e nos machos os duques e mais homens que até ali trouxeram o corpo. Em hombros dos mesmos irmãos da misericordia, nobres e mechanicos conforme seu compromisso, se levou o corpo ate a igreja á porta da qual o vieram receber os religiosos do convento. Na capella-mór estava feito outro tumulo de velludo

carmesim, guarnecido de passamanes de oiro, no alto do qual estava outro caixão de brocado guarnecido com grande numero de chamalotes de prata. Tanto que chegou o corpo junto d'elle tiraram-no do andor os duques, marquezes e gentis-homens, e levando-o por cordões de seda o recolheram no outro caixão que estava no alto do tumulo. E fechando-o D. Thomaz de Noronha com uma chave, e tomando por testemunhas os mesmos que o levaram de que ali ficava o corpo do serenissimo principe D. Theodosio, entregou a chave ao prior do convento, cantando alguns responsos, primeiramente os musicos da capella, depois os religiosos do convento, e ultimamente os capellães da misericordia, com o que se acabou a pompa funeral. Assim finalisaram em funebre tragedia as esperanças d'este principe, cujas acções e virtudes eram dignas de outro tempo, e cuja morte foi unanimemente deplorada por toda a nação.



NAGASAKI.

Bem longe vão ja as eras em que os europeus pisaram pela primeira vez o solo do Japão. As primeiras noções que temos d'este curioso paiz remontam a Rubruquis, e a Marco Polo; isto é pertencem ao seculo XIII. Desde então os portuguezes, e os nossos visinhos hespanhoes ahí tentamos estabelecer-nos. Em 1549 ahí pregou o

Evangelho S. Francisco Xavier. Uma horrorosa conspiração nos fez perder o que tinhamos ganho. Foram porém mais felizes os hollandezes, que chegaram a formar uma feitoria em Nagasaki, e monopolisaram com tantas difficuldades o commercio com este imperio, que é provavel fossem os unicos que seguissem ainda por

longos annos traficando com o Japão, se não fôra a actividade dos americanos que em 1852 enviaram ahi um embaixador encarregado de negociar o direito de penetrar nos portos japonezes. Foi o resultado da campanha do commodoro Perry, um tratado (31 de Março de 1854) no qual o imperador concordou que os portos de Simoda e Hakodadi receberiam d'ahi em diante os navios dos Estados-Unidos. Posteriormente, em 19 de Outubro de 1855, concluiu-se egual tratado com a Inglaterra, em que tomaram parte a França e a Russia.

Nangasaki, onde se estabeleceram os hollandezes desde 1641, e é hoje um dos portos abertos ao commercio europeu, está situada na costa sudoeste de Kin-Siu, uma das ilhas que compõem o archipelago japonês. Edificada em lindas collinas, banhadas pelo mar, é, como todas as cidades do Japão, construida regularmente. As ruas, que a cortam em angulo recto, são aceiadas; as casas tem um andar, porém muito engraçadas; são de madeira e pedra, pintadas a mil côres, ornadas de numerosas esculpturas, e acompanhadas de varandas.

Entre os seus edificios citam-se os dos governadores, grandes dignitarios, a feitoria china, o arsenal, muitos theatros, e quasi sessenta templos e capellas, cercados de jardins, que com muitas casas para chá servem de local de reunião à numerosa população, que habita esta grande cidade.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação

IX

MANUSCRITO DO PADRE GASPAR.

Poucas horas depois da conferencia que narremos no precedente capitulo, Simão Rodrigues recebia em sua casa um volumoso escripto do padre Gaspar.

Assim cumpria o digno ecclesiastico a promessa que sobre as aguas do Tejo fizera ao mancebo.

Este rompeu rapidamente o sello, e leu com avidéz, sem levantar olhos do papel, a seguinte narração em que uma pessoa de sua familia tomara activa parte.

«O dia em que completei os meus vinte annos foi para mim de crise dolorosa.

«Equilibrava-se-me a existencia entre a vida e a morte. Se bem se attendesse para o fiel da balança, era facil conhecer que a segunda pesava mais. Tinha mais força, havia necessariamente vencer.

«Era uma posição bem triste para um coração tão juvenil—coração que até ali palpitara à phantasia de sonhos de amor e gloria, e que não vira toldado o formoso ceo da mocidade pela

mais tenue nuvem que lhe obscurecesse seu rosado horisonte.

«Devo confessar que até áquelle tempo não acreditei que a desgraça pudesse pesar com o seu braço de ferro sobre o meu destino, nem que um dia me obrigasse a vergar, para nunca mais me erguer livre e desassombrado!

«E' porque bem se compara o coração do mancebo à semente que contém em si o germen de uma frondosa arvore. Lancem-na à terra; desimpeçam-na, depois de germinada, das ruins hervas que não a deixam vigorar; dêem-lhe terreno por onde possa alastrar as raizes, e dentro em poucos annos apparecerá robusta a arvore que ella produziu.

«Mas se a descuidaram na cultura; se lhe não prepararam bem o terreno; se a deixaram afoagar entre a moita de hervas parasitas, logo a mataram à nascença; ou se tem vida é para vegetar lentamente, debil e rachitica!

«Achei-me n'esse dia, como já disse, entre a vida e a morte—entre a existencia real e definida, e aquella que todos sonhamos e ainda ninguém definiu.

«Levara-me a semelhante extremo um amor—não disse bem—uma admiração, um culto, uma religião por uma mulher.

«Fôra o meu sonho, dos dezoito annos!

«No delirar da febre, no desesperar da vida, era ella quem continuamente se me representava n'essas visões phantasticas, creadas pelo delirio, e quando vencido por tanto labutar da imaginação, rendido ao cansaço, adormecia, era tambem ella que continuadamente via em inquietos sonhos.

«Era a minha visão aerea! O tempo da realidade fôra já passado, e então só tinha a lutar com as minhas lembranças e com o meu desespero.

«Se houve mulher que fosse amada, foi por certo esta. E ella tinha dotes para ser adorada, e de mim posso dizer, sem presumpção, que tinha titulos para ser correspondido.

«Porém um fatal destino interpoz-se sempre entre nós. Não contente com o ferir-nos tão despiadadamente, e com tão feros golpes; não contente em despedaçar folha por folha a flor das nossas esperanças, ceifou impiamente o nosso amor, e o arremeçou ao abysmo para desgraça de um, e perpetuo remorso do outro.

«Amei-a, e muito.

«E foi por isso mesmo que verguei tão dolorosamente a esta separação eterna.

«Se não a estimara verdadeiramente; se as juras que lhe fizera fossem promessas fementidas—que se ostentam por capricho, ou por vaidade de uma conquista—não me sangrara o coração como ainda hoje!

«E' costume dos mancebos esquecerem facilmente o idolo dos seus primeiros amores. Eu paguei muito cara esta primeira e unica afeição da minha alma. Foi com o meu repouso.

«E quem poderia, na idade dos dezoito an-

nos, que é quando começa a minha narração, e cursando ainda os estudos, lendo nos classicos da latinidade a descripção das bellezas gregas e romanas, vendo destacarem-se aquellas formulas graciosas das paginas onde se estudam, para virem gravar-se na imaginação do estudante, e crearem ahi o typo do bello ideal—quem poderia, disse, encontrar um ente tão phantasiado, sem o admirar, e sem o amar?

«Não seria, de certo, aquelle que, dotado de imaginação ardente, e de coração sensível, havia desde muito cedo sonhado com o amor, que já então buscava.

«Era o meu primeiro, e portanto o mais afagado e querido amor. Resumiam-se n'elle as esperanças do meu futuro.

«Quando pensava que era amado por ella, elevava-me ás regiões da gloria. A escabrosa senda que me devia conduzir ao templo da immortalidade aplanava-se-me, como por encanto, ante a força da minha vontade.

«Quando pensava na minha pobreza, dizia comigo que o trabalho e a energia me adquiririam riquezas com que adornar o templo da minha divindade.

«Unicamente por ella eu sonhava a corôa do poeta, o saber do philosopho, a espada do guerreiro, ou a toga do magistrado.

«Qualquer d'estas carreiras seria facil a uma vontade firme, forte, e decidida, animada pela esperança da recompensa do seu amor.

«E todas estas esperanças, afagadas por dois annos, que outros tantos foram de trabalho para levantar o edificio da minha gloria, se desvaneceram com um sopro da morte!

«De todas ellas, e d'essa mulher que m'as suscitara n'alma, o que me resta hoje?

«Uma campa!

«Como já disse, na despedida da vida para a eternidade, era a sua imagem que continuamente me apparecia em sonhos. Era o seu nome que no delirio da febre a miudo pronunciava; esse nome que só elle me chamaria á vida, se junto ao meu leito de agonia ella viera repetir-me, com a sua meiga voz, aquella phrase que tantas vezes me disse:—«Beatriz é tua!»

«Ternas e tristes paginas de um amor verdadeiro, aquella que o motivou já não vos pode ler!

«Exigia talvez a sua memoria que as não publicasse... Simão Rodrigues, carece porém de saber a historia da sua familia.

«Curvo-me ao destino. Foi sempre elle quem decidiu da minha vida.

.....

.....

«Era ao declinar de uma calmosa tarde de estio.

«A atmospherá, abrasada até então pelos raios do sol, parecia renascer com a fresca brisa da noite, que lentamente vinha crescendo pelo horizonte, qual dama recatada e timorata que espreita a cada passo que dá, e como que se assusta de avançar.

«Já as tenras plantas, languidas e abatidas

pela intensidade do calor, erguiam de novo as hastes e as folhas, até então pendidas para a terra; e as flores recebiam nos seus calices a fresca brisa que as preparava para embeberem o orvalho da noite.

«A pouco e pouco se embalsamava a atmospherá com a fragrancia que as plantas e flores exhalavam.

«Era uma d'essas horas de languidez e amor que lentamente preparam os sentidos do homem para um somno doce e tranquillo—horas mysteriosas, tão descantadas pelos poetas, e tão pouco comprehendidas por quem ainda as não gosou.

«Vivia eu então n'uma quinta assentada n'um dos pittorescos arrabaldes d'esta cidade.

«Era n'uma d'essas tardes que pallidamente intentei pintar, porque me falta o colorido para retratar as scenas grandiosas da natureza. Esse dom concedeu-o unicamente Deus aos genios e talentos que são um reflexo da sua sabedoria. A mim só me caiu em partilha um coração para amar, e uma alma para sentir.

«Saira a passear, e levava comigo um livro para, frente a frente com a natureza, e no remanso da solidão, formar e cultivar o espirito com uma solida leitura.

«Esse livro era a Recreação philosophica do padre Theodoro d'Almeida. Se ainda não comprehendia bem muitas das suas proposições, servia-me contudo de recreio a tentativa de penetrar os arcanos d'aquella sabedoria vaga e indefinida, que me arrebatava mesmo pelo mysterio em que para mim se envolvia.

«Sentara-me n'um vallado, e servia-me de encosto uma espessa e fechada matta de canniços e madresilva, que entrelaçados e entretercidos tapavam a communicação para a quinta a que pertenciam. Ouvia ás vezes a cantiga de um pastor. Via depois, aqui e ali poisarem algumas avesinhas, que, ligeiramente sacudindo as azas, voavam soltando doce gorgeio, hymno com que saudavam a despedida do rei dos astros—hymno que iam mais longe repetir... mais longe depois... ainda mais longe, até se perderem no espaço aquelles trinados e notas soltas, que já me não podiam chegar aos ouvidos senão como som indecifrável, ecco moribundo, a ultima vibração da harpa ferida n'uma nota grave que se extingue.

«Cansado algum tanto de ler, fatigado o espirito pelas reflexões que a leitura me excitara, embriagado pelo perfume do campo, e extasiado pelo cantico das aves, deixei-me adormecer.

«A natureza actuava sobre mim. Dentro em pouco principiei a sonhar.

«Senti-me transportado a um jardim d'esses encantados palacios creados pela phantasia dos poetas, e encontrei-me o personagem d'um d'esses contos phantasticos. As lições de physica que acabara de ler estavam ali postas em acção, como para me lançar em rosto a minha incredulidade. Via repuxos magnificos e cascatas de raro lavor e exquisito gosto: via taboleiros de flores,

que me eram inteiramente desconhecidas; formosos e elegantes vasos e estatuas de alabastro; via, enfim, riquezas e maravilhas quaes ouvira referir nos meus contos de infancia.

«E no meio de todas estas riquezas achava-me só e isolado!

«Sonhava um ente com quem pudesse conversar, e communicar-lhe as gratas sensações que me delectavam a alma—sonhava um ente mysterioso, na existencia do qual o proprio coração reluctava acreditar!

«Era eu o primeiro habitador d'aquelle paraizo, e encontrava superabundantes para mim todas aquellas maravilhas!

«Recordo-me ainda hoje da força de expressão com que me rebentaram d'alma aquellas palavras do propheta: —«Vós que fizestes o homem pouco menos do que os anjos, que o coroastes de honra e de gloria, que o estabelecestes superior a todas as obras da criação, que tudo lhe pozestes aos pés—os animacs do campo, os passaros do ceo, e os peixes do mar»—dae-me um ente qual ambiciono, com quem possa rever-me nas vossas obras, admirar-as, e communicar-lhe as minhas sensações!

«E n'isto ouvi sair de um bosquesinho de myrtho e rosas um som tão doce e suave, como o rumorejar da brisa em manhã de estio. Voltei-me, e vi entre aquelle bosque a fada do meu jardim encantado.

«Era a primavera mais viçosa e louçã que eu sonhara!

«E' tão usual nos contos descreverem-se tão perfectas as nimphas do amator, que bem se pode dizer que a descripção de taes bellezas caíram hoje no ridiculo. Não descreverei, portanto, a minha fada. Até mesmo se o tentasse não encontraria sobre a terra imagens para a comparação. O ebano ficava-lhe muito áquem do negro azeviche dos seus cabellos; as estrellas perdiam o brilho e fulgor comparadas com os seus olhos; o jasmim e a açucena pareciam de alvura duvidosa, a respeito da côr da sua tez; as rosas, as tulipas e as lizes eram desbotadas de mais aproximando-se das suas faces; e as perolas não tinham valor comparadas com os seus dentes! Era, n'uma palavra, um composto tal, que nem a imaginação do poeta o pode conceber, nem o pincel do artista retratar-o! O verso, a tela, e o marmore ainda não reproduziram coisa que se lhe pudesse assimilhar. Ticiano, Apelles, ou Zeuxes, vendo-a, quebrariam os pinceis, ou arremecariam para longe com despeito, o cinzel. A' vista de semelhante original, as suas virgens eram imperfeitas.

«E as formas e o correcto das feições traduziam os dotes da alma e do coração. Eram o espelho onde vinham reflectir-se todos os sentimentos que fazem do mortal a imagem do Creador.

«A candidez, a innocencia, a bondade reflectiam n'aquelle rosto, como as estrellas se espelham na superficie cristalina das aguas.

«Cai de joelhos, ergui as mãos, suppliquei e implorei.

«Não me lembro agora se os labios proferiram um hymno ao Creador ou uma supplica para que ella me não deixasse mais.

«O que sei é que em seus labios se desabotoou um sorriso, e que imaginei ver n'elle aberto o eden.

«Era tão doce e suave a sua linguagem, que os hymnos dos archanjos não podem ser mais maviosos.

«Rematou as suas fallas com essa mimosa palavra que nasceu no ceo, e foi pronunciada na terra pelo Homem-Deus—essa palavra que alenta o moribundo, ainda ás portas da eternidade: que é para o condemnado um futuro de vida; para o desgraçado um prospecto lisonjeiro de felicidade; para o christão o perystilio de uma perenne bemaventurança.

«Tem esperança!» disse a minha fada.

«N'este momento acordei.

«Sentira como impor-se-me uma coisa na cabeça. Levei a ella a mão direita, e ergui os olhos para o ceo.

«Com a mão encontrei uma corôa de malmequeres; com os olhos achei a realidade do sonho de que acordara.

«Mas tão rapida foi a visão, que ainda não bem tinha descido a corôa para a contemplar, e já o anjo que a havia entretecido desaparecera por entre o cançado, junto ao qual eu estava assentado.

«Lembrou-me então aquelle verso de Virgilio:

«Malo me Galatea petit, lasciva puella

«Et fugit ad salices...

«Foi uma lucta terrivel a que se travou em mim n'este momento. Amor, despeito, desejos—todos esses sentimentos se levantaram a porfia para me assaltarem.

«Principiei raivoso a despedaçar a corôa, unica lembrança que me ficara d'aquelle visão.

«Já a ultima flor que a ennastrava ia ser calcada aos pés, quando me lembrou ler n'ella a minha sina.

«La saber os meus destinos, interrogar meu fado, devassar os arcanos do futuro.

«O que é o homem!

«Ligava então a minha esperança as simples folhas de uma flor!

«Desfolhei-a.

«A sua ultima folha disse: «Amor!»

A LUZ, AGENTE NATURAL DA VEGETAÇÃO.

A luz solar excita e sustenta as funcções vitaes nos orgãos foliaceos das plantas *phareno-gamas*.

Certos vegetaes *cryptogamos* desinvolve-se, contudo, convenientemente ao abrigo da luz. O

motivo vem a ser conservar-se ahi mais doce, e menos variavel a temperatura.

Adverte-se, porém, que os agricultores devem procurar ás suas plantas bastante luz. De ordinario, a vegetação, sem este agente natural, é incapaz de resistir á aridez, á humidade, e aos insectos.

Em geral pode dizer-se que as plantas que requerem sacha, são as que mais soffrem pela falta de luz. As sementeiras de viveiro estão no mesmo caso. D'aqui resulta morrerem ellas, ou enfraquecerem-se em toda a extensão da zona, que plantada d'árvores lhes encobrem a luz.

E' factó provado que a acção da luz e do calor ajudam e favorecem as secreções saccharinas e aromaticas, assim como lhes augmentam a vitalidade.

A substancia verde nas folhas e tiges herbaceas se desinvolve pela acção d'este agente. O verde carregado, por exemplo, denota o vigor das plantas herbaceas de grande cultura, em desinvolvimento; e nas arvores indica actividade na vegetação.

Este mesmo colorido verde, porém, produzido pela luz nas raizes, tuberculos, tiges, e folhas comestiveis, pode diminuir as quantidades de fécula ou assucar; dominar o sabor acre, ou o cheiro violento, a ponto dos productos expostos por muito tempo á luz, não servirem para comida, ou não poderem ser vantajosamente empregados nas industrias agricolas.

Deve igualmente observar-se que, reciprocamente, a desappareição da cor verde traz consigo a eliminção dos principios odoriferos e acres, que tinham acompanhado a sua formação.

Resulta d'estas duas proposições a facilidade de provocar qualquer modificação nas partes da planta comestivel. Modera-se o cheiro e sabor collocando-as ao abrigo da luz; quer no decurso do desinvolvimento, quer se depois da primeira vegetação se desejam fazer comestiveis amadurecendo-as, quer durante a sua conservação mais ou menos prolongada.

Tambem ha exemplo de se fazer maior a vitalidade nos tuberculos, deixando-os expostos, por dez dias, antes de se plantarem.

CATACUMBAS NO BRAZIL.

No começo do corrente anno estampou-se em Pernambuco um desenho mostrando o plano, corte, e perfil elevado d'um dos mais curiosos edificios que seguramente possui o imperio do Brazil. Este edificio, cujo architecto parece ter sido unicamente Deus, está situado não longe das nascentes do Parahiba, quasi a cento e quarenta leguas de Pernambuco, no macisso da Serra dos Irmãos. Figure-se uma montanha de trezentos metros sómente de altura, porém cortada a pique por cima d'uma corrente que muge estrepitosamente; depois, tudo ao redor uma terrível solidão, bosques, arêas, massas de pedra calcinada, excavada e enegrecida pelo fogo de

volcões extinctos. Trepá-se a esta montanha por uma senda natural, praticavel até para bestas cavallares, chegando-se á altura de duzentos metros; ahi se pára, porque é uma plataforma, da largura sómente d'algumas dezenas de pés, d'onde se descobre, a mais de cem metros abaixo, a copa vicejante das arvores gigantescas d'uma floresta virgem, onde se ouve ainda, como um ruido longinquo e confuso, o rugido da torrente.

N'aquella plataforma, á direita, ha uma abertura estreita, por onde se entra em vasta gruta, excavada na rocha viva, e tapetada d'algumas plantas trepadeiras, por entre as quaes se ouvem correr os lagartos. No fundo, isto é, a vinte passos da primeira entrada, vê-se outra porta natural, dando accesso para uma immensa gruta, que tem quinze passos de largura media, e pelo menos cento e cincoenta, d'uma extremidade a outra. As paredes, á direita e á esquerda, estão forradas de craneos humanos, canellas, cabeças de animaes, pelles de feras, flechas, plumas, e maçãs. São indubitavelmente tropheos dos guerreiros indios, cujos tumulos ali estão alinhados nos dois lados, desde a entrada. Coisa singular são esses tumulos! porque constam simplesmente de grandes vasos de terra endurecida ao sol, sobre os quaes se assentaram enormes e pesadas tampas da mesma terra assim cosida, revestidas de pelles cortidas.

Ahi repoisam os guerreiros indios, acocorados, com a cabeça encostada ás mãos, e os cotovelos descansados sobre os joelhos, e com as suas armas e joias postas ao lado. Contaram-se vinte e tres cadaveres; e a mór parte em perfeito estado de conservação. Tentou-se tirar dois de dentro d'aquelles vasos, mas desfizeram-se logo em pó, e só ficou nas mãos dos curiosos visitantes uma pelle negra e dura, semelhante a pergamino enegrecido ao fogo. Todos tinham bem conservados os dentes, e alvos como o mais brunido marfim; os cabellos porém tinham-se despreendido dos craneos, e encontravam-se mechas d'elles ou pegadas ás costas das mumias, ou caidas no fundo dos vasos. Na extremidade da galeria havia mais sete vasos, semelhantes em tudo aos primeiros, mas com a tampa no chão junto d'elles; esperavam de certo cada um ha longos annos o seu cadaver, que nunca chegou.

Removeram-se para Pernambuco dois d'estes tumulos, e hoje ornám o seu museu. O gargalo d'estes vasos está adornado com um collar de contas encarnadas, misturadas com outras pretas e brancas. De certo suppriria elle as respectivas inscrições, e tinha por fim perpetuar a memoria do defunto. A que data podem remontar estes tumulos? A que povo se deverão attribuir? Os sabios preocupam-se gravemente da resolução d'estes problemas. Ha esperanças de proseguir n'estas indagações, e até mesmo proceder a excavações, porque se não deve parar assim n'uma tão importante descoberta, filha do acaso.